

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Livros especialmente dedicados à história da educação remontam à segunda metade do século XIX, a partir de projetos editoriais voltados para os cursos de formação de professores na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, às narrativas que pontuaram o tema no século XIX, somaram-se os escritos que, a partir dos anos de 1930, se dedicaram à descrição e à análise dos problemas associados à história da educação. Para além dos livros publicados, a história da educação se institucionalizou como disciplina e passou a ser ofertada de forma regular e ininterrupta para os cursos de formação de professores, demonstrando a centralidade da disciplina e do conhecimento a ela associado na formação do magistério.

Neste percurso editorial e disciplinar foram apresentadas aos professores aspectos do passado educacional considerados centrais para sua formação, entre os quais destacamos: ideias e teorias pedagógicas, instituições educativas, leis, regulamentos e formas de organização dos sistemas públicos e privados de ensino. Essa tradição perdurou ao longo do século XX, de maneira que apenas no final deste século os pesquisadores do campo iniciaram uma revisão da escrita da história da educação. Esta nova perspectiva, considerou algumas perguntas relegadas pela tradição, de simples formulação, mas de complicada execução em termos de pesquisa. Entre estas indagações destacamos: Como as escolas reagiram às diferentes reformas da legislação de ensino? De que maneira as teorias pedagógicas e os métodos de ensino se tornaram práticas pedagógicas? O que pensavam os professores em relação a sua formação e identidade profissional? Defrontar estas questões exigiram, por um lado, estudos em escalas microsociais, incapazes de oferecer respostas generalizantes. E, por outro, demandaram a ampliação do estatuto de fontes históricas e a elaboração de uma nova base conceitual.

A enunciação dessas perguntas e o ajustamento dos métodos de pesquisa lançaram luz sobre problemas e sujeitos ignorados ou representados de forma abstrata e generalista nos estudos histórico-educacionais, ao longo dos séculos XIX e XX. Entre estes desconhecidos, incluídos no que se convencionou

chamar de *caixa preta da escola*, estão os professores. Pensados, de forma geral, como os leitores preferenciais dos livros de história da educação, os docentes foram idealizados como plateia, ou melhor, como ouvintes passivos e carentes de conselhos construtivos. As suas memórias e histórias profissionais ficaram à margem das histórias da pedagogia, das instituições e dos sistemas educativos. O seu protagonismo, quando representado, foi registrado como comportamento negativo, seja por despreparo ou por resistência à mudança, que explicava o fracasso de incontáveis e pretensamente virtuosas reformas educacionais.

A partir dos anos de 1990 muito foi realizado para mudar esta compreensão da ação docente e, assim, suprir a lacuna de conhecimentos sobre os sentimentos e os saberes dos professores na história da educação. Neste percurso, conceitos como cultura escolar, prática ou experiência foram mobilizados no interior de estudos que enfatizaram o cotidiano escolar, o social e o cultural em sintonia, mas não subordinados, aos planos político, legislativo e econômico.

Apesar do volume destas pesquisas nos últimos vinte anos, estamos distantes da compreensão segura de inúmeras questões que compõem a experiência docente, seja pela amplitude das dimensões temporal e espacial que envolvem problemas desta natureza, seja pela escassez de fontes ou pela complexidade das questões que perpassam as histórias profissionais. Temas tradicionais do campo da pedagogia e da educação, tais como avaliação, planejamento, métodos de ensino, currículo, legislação e regulamentos escolares, entre tantos outros, ganharam novos contornos e sentidos, quando problematizados pela perspectiva da percepção dos professores, pelos modos como estas dimensões da vida escolar foram vividas pelos seus sujeitos, envolvendo os mecanismos de apropriação, ressignificação, resistência e subversão.

A reconfiguração dos estudos de história da educação, a partir da reorientação do olhar para o interior da escola, para as práticas e os sujeitos, caracteriza o momento atual dos estudos acadêmicos. Não obstante, esta virada epistemológica

supõe, pela definição da educação como prática social, resultantes pragmáticas, capazes de interferir na vida da escola e dos seus sujeitos. Logo, para além da renovação do campo de pesquisa, novas questões foram apresentadas: em que medida o conhecimento produzido pela pesquisa universitária sobre a história da profissão docente alcança os professores em exercício e, sobretudo, que efeitos o acesso a este saber pode produzir na formação da sua identidade profissional? Nos parece que nesta interseção, entre o fazer científico e o fazer escolar, encontra-se o desafio principal visado neste dossier sobre o *Passado e o Presente da Profissão Docente*.

OS autores afirmam, sem hesitação, a intenção de analisar o passado e problematizar o presente, articulando, a um só tempo, a *“herança do passado e as perspectivas futuras da profissão”*. Longe da noção do passado como lição, na clássica e ultrapassada fórmula da história magistra vitae, o passado da profissão é tomado como espaço de experiência, mas também como horizonte de expectativa. Neste sentido, entender o protagonismo docente e, sobretudo, seus sonhos e ideais não ensina a sermos professores melhores hoje, contudo, como afirmam as organizadoras do livro, nos oferece *“uma contribuição positiva para o reconhecimento do direito à memória, ao autoconhecimento e à possibilidade de reflexão sobre a sua própria história”*.

Em outros termos, em tempos de extrema fragmentação das possibilidades de formação e de ação docente, a mobilização e a problematização da memória e da história profissional aguçam o sentido crítico do professor. Visão que prepara os profissionais da educação contra a manipulação incessante da sua imagem social, ora associada à noção messiânica do professor como provedor da juventude, ora representado como categoria profissional desmotivada, despreparada e, por consequência, culpada pela ineficiência da escola. A rigor, uma das qualidades dos artigos aqui reunidos, que me honra apresentar, é justamente evitar as representações abstratas dos professores, sejam elas virtuosas ou viciosas. Os eventos das trajetórias dos professores foram representados de maneira a

evidenciar os momentos de protagonismo, passividade, criação, inquietação, enfim, os comportamentos próprios de sujeitos históricos, diante de realidades incertas e contraditórias, mas que exigiam posicionamentos. Tomadas de posição que não foram justificadas ou criticadas nas narrativas, mas sim explicadas, a partir dos espaços de experiência e dos horizontes de expectativa inerentes a cada contexto analisado.

Em termos propriamente metodológicos, gostaríamos de destacar a pluralidade dos tipos de fontes mobilizadas pelos estudos reunidos, bem como a diversidade e a qualidade das interlocuções teóricas realizadas. Dessa forma, percorrendo os oito capítulos verificamos a alternância entre procedimentos associados aos estudos de memórias, biográficos, institucionais e prosopográficos. O intento comparativo também é assumido, de maneira que podemos flagrar as trajetórias profissionais em espaços sociais e culturais muito diversos, tanto no Brasil, como na Europa. Contextos de escolas rurais, assim como ambiências citadinas, se entrecruzam em diferentes temporalidades, incluindo períodos políticos democráticos, ditatoriais e pós-ditatoriais. A comparação é inevitável e este exercício é oferecido ao leitor que, livre na sua imaginação e criação, pode contrastar as histórias profissionais analisadas com outras, sejam essas próprias da sua experiência ou aquelas que foram reveladas e desveladas por outras narrativas.

Por fim, a sensação ao final da leitura é que estamos diante de um conjunto de textos, escritos por muitas mãos, mas com duas marcas articuladoras: o objetivo historiográfico de explicar o sentido de *Ser Professor*, a partir dos diferentes cenários examinados; e o desejo político de fazer deste conhecimento uma contribuição para a formação da identidade docente, confrontando as generalizações, os *clichês* e as banalizações que permeiam as representações sociais do *ser* e do *dever ser* professor.

Carlos Eduardo Vieira
Universidade de Stanford, Outono de 2015.